



As Plantas Medicinais e a Fitotecnia

No início dos anos 80, quando a Klabin do Paraná trouxe a público uma estatística que revelava o sucesso obtido por sua equipe médica com a utilização de tinturas alcoólicas de plantas para o tratamento de dez patologias humanas, já havia tido início no planeta um novo ciclo relacionado à saúde humana. Estava em pleno andamento naquela ocasião o projeto da Central de Medicamentos do Ministério da Saúde, o que objetivava a validação de um elenco de plantas selecionadas por especialistas e que apresentavam potencial de cura em relação a diversas patologias de grande expressão no Brasil. Surgiam nos vídeos e na imprensa escrita diversas reportagens sobre projetos de fitoterapia, com destaque, à época, para o Instituto Emílio Goeldi e o Projeto Caiapó no Norte do país; o Laboratório de Produtos Naturais da Universidade do Ceará; a Prefeitura de Olinda em Pernambuco; a Klabin do Paraná; o CENARGEN/EMBRAPA e a Universidade de Brasília, entre outros igualmente expressivos. O Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil já estava em sua quinta reunião. Esta fase que caracterizávamos, foi seguida de um período de aprofundamento, durante o que novos grupos foram trazidos à luz da mídia. Houve um incremento na produção científica das diversas especialidades que participam de forma mais direta na multidisciplinaridade da fitoterapia. Na área fitotécnica, a qual interessa diretamente à Olericultura, tiveram início os estudos sobre cultura de tecidos, sazonalidade dos fármacos e sobre a influência das práticas agrícolas sobre sua maximização. Destacariamos nesta matéria, no que tange a instituições públicas, os trabalhos desenvolvidos no CPQBA da Unicamp, bem como na Escola de Agronomia de Mosoró no Rio Grande do Norte, na Universidade Federal de Pernambuco, na EPAMIG em Minas Gerais, na Universidade de Marília, na Universidade Federal de Santa Catarina, no CENARGEN/EMBRAPA, na Universidade de Brasília, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na USP Ribeirão Preto, na Universidade Federal do Paraná, na Universidade Estadual de Maringá, entre outras instituições.

O prestígio atual desfrutado pelas plantas medicinais repousa basicamente numa série de fatores dentre os quais destacamos:

O custo da saúde: a experiência da Klabin, entre outras, atestando que mais de 80% de sucesso terapêutico foi obtido com extratos de plantas a um custo 80% menor em relação ao tratamento convencional, sinalizou positivamente em relação à fitoterapia, como opção barata e eficiente;

Importações: o Brasil importa não apenas medicamentos produzidos pelos laboratórios de química de síntese mas também plantas medicinais. Objetiva-se portanto não apenas a substituição de importações mas em um passo mais ousado, a sua exportação. Neste item estão envolvidas logicamente questões relacionadas à soberania do país e à segurança nacional;

O desenvolvimento da agricultura: a demanda pelos fitofármacos, embora traga a preocupação com a preservação de nossos recursos vegetais nativos, resulta por outro lado numa boa perspectiva de diversificação da agricultura abrindo o leque de opções do agricultor brasileiro;

A identidade cultural: o movimento em torno da fitoterapia tem implicações culturais podendo, se bem orientado, contribuir para que se revele a nossa identidade cultural como nação. Nesta matéria a contribuição do europeu, do índio e do negro, nossas remotas etnias formadoras, produziram um complexo de informações suficientes para o desenvolvimento de terapias novas e eficazes, às quais integram-se produtivamente, elementos outros das etnias que se integram mais intensamente após a segunda grande guerra.

A crescente demanda por matéria prima, uma vez criada a expectativa em relação à fitoterapia, traz um desafio aos ecologistas e fitotecnistas, seja quanto à preservação de nossas reservas vegetais nativas, seja quanto ao desenvolvimento de uma agro-tecnologia capaz de fornecer plantas medicinais onde o fármaco alvo tenha sido maximizado. Uma outra questão que se coloca é com respeito ao controle fitossanitário, uma vez que substâncias estranhas à planta podem interferir na elaboração do fármaco que, como se sabe, é quase sempre uma expressão da resistência da planta a pragas e doenças. Cabe não omitir a problemática dos resíduos tóxicos ou da influência do produto no aspecto organoléptico da qualidade do produto. Estes desafios clamam por um maior aprimoramento nas técnicas de cultivo, onde a fitotecnia é chamada ao trabalho integrado com a farmacologia.

Vários temas sido postos em debate nos últimos meses, demandando o esforço da intelectualidade nacional com vistas ao encaminhamento de propostas adequadas ao nosso país. Destacamos dois deles:

- O desenvolvimento da biotecnologia e as relações econômicas entre nações;
- O desenvolvimento da fitoterapia e a preservação dos recursos vegetais nativos.

Esperamos que eventos como o Congresso Brasileiro de Olericultura atuem como fórum eficiente para bem captar a contribuição dos especialistas e sobretudo que a SOB continue sendo um canal eficiente para trânsito de soluções adequadas ao nosso desenvolvimento nesta especialidade. (Jean Kleber de A. Mattos, EAG/Universidade de Brasília)

Horticultura Brasileira, v. 1, n° 1, 1983 -- Brasília, Sociedade de Olericultura do Brasil, 1983 --

Semestral

Titulos anteriores: v. 1-3, 1961-1963, Olericultura. v. 4-18, 1964-1981, Revista de Olericultura.

Não foram publicados os v. 5, 1965; v. 7-9, 1967-1969.

Periodicidade até 1981: Anual.

1. Horticultura -- Periódicos. 2. Olericultura -- Periódicos. I. Sociedade de Olericultura do Brasil.

CDD 635.05

Programa de apoio a publicações científicas



Hort. bras. 11(1), maio 1993